

EDITORIAL

O dossiê que apresentamos no presente número de *Mneme – Revista de Humanidades*, tem como objetivo discutir, no cenário atual, a necessidade de valorizarmos os povos indígenas no Brasil, seja na dimensão do conhecimento acerca dos mesmos, propiciado pela pesquisa, seja no reconhecimento de que é premente a inclusão de conteúdos voltados para história e cultura dos índios nos conteúdos curriculares, da Educação Básica ao Ensino Superior.

Histórias Indígenas está dividido em duas partes. Na primeira, os autores abordam, de forma central, o estudo da história dos índios no ambiente escolar. Eduardo Natalino dos Santos reflete sobre a escassez de pesquisas e disciplinas que estejam focadas, diretamente, na História Indígena, nos departamentos de História de universidades públicas no Brasil, relacionando esse problema com os conteúdos curriculares que são ensinados na Educação Básica. Edson Silva, em seguida, discute as possibilidades, desafios e impasses do ensino de história e cultura indígena no Brasil, decorridos sete anos da promulgação da Lei 11.645/2008, que tornou-se marco no reconhecimento das sociodiversidades indígenas no país. O artigo seguinte, no mesmo caminho, realça possibilidades de inovação no estudo da história e cultura indígenas em escolas brasileiras, pondo em suspeição a historiografia oficial, carregada de preconceitos e silenciamentos, no sentido de uma efetivação plena da Lei 11.645/2008. O artigo é de autoria de um professor indígena, Edson Kayapó, com reconhecida trajetória acadêmica e de militância, e de Tamires Brito. O último artigo da primeira parte, assinado por Rafael Burd, propõe uma estratégia para o ensino de História Indígena nos níveis Fundamental e Médio, ao reconhecer a ação dos nativos como protagonistas da História. Nesse sentido, sublinha a figura de Sepé Tiaraju, exemplo de liderança entre os Guarani no contexto das revoltas contra as determinações do Tratado de Madri, como estudo de caso possível para discutir o papel das lideranças indígenas.

Na segunda parte do dossiê, temos resultados de investigação histórica sobre os povos indígenas no Brasil. O primeiro artigo, de autoria de Maria Sylvia Porto Alegre, que encabeça

essa parte, discute as intenções declaradas no projeto jesuítico de educação, na América portuguesa, e as ações concretas que tiveram reflexo na vida dos indígenas, no contexto, complexo, das relações inter étnicas entre os grupos sociais que mantinham contatos no período colonial. Logo após, Lígio de Oliveira Maia historiciza a presença – e, mais que isso, a *agência* – indígena na Capitania do Ceará, entre o fim do século XVIII e início do seguinte, na tentativa de se contrapor aos discursos de desaparecimento, mistura e invisibilidade, enunciados em relação aos nativos do referido espaço no período colonial e imperial. Almir Antonio de Souza, em seguida, estuda o relato de Auguste de Saint-Hilaire, naturalista francês, na tentativa de perceber, no relato de sua viagem pelo Planalto Meridional, na primeira metade do século XIX, as relações estabelecidas entre luso-brasileiros e povos originários, que o viajante encontrou. Concluindo a segunda parte, Jailma Nunes Viana de Oliveira reflete sobre o processo de emergência étnica na comunidade dos Caboclos do Assú, examinando seu processo de territorialização, no contexto de um Rio Grande do Norte que, segundo os discursos oficiais, até alguns anos atrás, não figurava como espaço com presença indígena. Fechando o dossiê, Rosenilson da Silva Santos entrevista Tayse Michele Campos, liderança indígena da comunidade dos Mendonça do Amarelão, demonstrando que os índios pulsam e querem sua visibilidade, por tanto tempo obscurecida, no Rio Grande do Norte.

Quatro artigos, na seção de temática livre, completam a edição 35 da revista: *Representações de Jean Baptiste Debret sobre a sociedade escravista brasileira na viagem pitoresca ao Brasil*, de Selson Garutti; *A feijoada no Brasil e o bacalhau em Portugal: a construção da comida como identidade cultural*, de Ariza Rocha; *Levantamento de sítios arqueológicos a céu aberto na Área Arqueológica do Seridó – Rio Grande do Norte – Brasil*, de Mônica Nogueira e *Escola para que? Escola para quem? Os primeiros passos da instrução pública no Piauí (1730-1824)*, de Marcelo de Sousa Neto.

Helder Alexandre Medeiros de Macedo - UFRN
Organizador do Dossiê Histórias Indígenas